ATENÇÃO E ENCONTRO NA FILOSOFIA COM CRIANÇAS

OLIVEIRA, Alice Pessanha Souza de
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
alicepessanha11@hotmail.com

ANDRADE, Lana Costa de
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lanacandrade@gmail.com

ALMEIDA, Carla Silva de
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
carlinha_almeida@hotmail.com

Palavras-chave: DELEUZE, FILOSOFIA, INFÂNCIA

Introdução

O presente trabalho tem como proposta pensar o projeto *Em Caxias a Filosofia En-Caixa?,* projeto de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que ocorre através do NEFI (Núcleo de Estudos Filosóficos e Infância). O projeto,*"Em Caxias a Filosofia En-Caixa?",* coordenado pelo Walter Kohan, professor titular da UERJ. O projeto já acontece há cerca de cinco em duas escolas municipais realizando experiências filosóficas com crianças de 3 a 15 anos e também na educação de jovens e adultos.

Pensaremos as experiências de filosofia com crianças a partir de Deleuze, filósofo francês. Utilizaremos para isso seu livro *Proust e os Signos* e com ele iremos pensar nos encontros que acontecem durante as experiências. Como é possível pensar, repensar, identificar esses encontros na experiência de filosofia com crianças? E afinal, o que queremos dizer quando dizemos que acontecem encontros durante as experiências? Além disso, utilizaremos também o apoio filosófico de Masschelein, filósofo belga, que traz o conceito de *atenção* como ausência de intenção. Para Masschelein ter atenção é estar atento as coisas que o mundo nos apresenta. Tal conceito nos ajudará a pensar sobre os encontros. Pensaremos também na questão de como é possível estar atento aos signos e o que significa estar atento aos signos. Enfim, a pergunta a tentar ser respondida aqui é: Qual o papel da atenção nos encontros com os signos e como podemos pensar tais encontros nas experiências de filosofia com crianças?

Metodologia

Costumamos dizer que a experiência de filosofia é um exercício de pensamento. É ela um tempo/espaço onde podemos discutir, pensar, repensar e refletir sobre a vida e a forma como vivemos. A experiência possui cinco etapas para sua realização. Primeiramente temos uma disposição inicial, nesse primeiro momento criamos um espaço propício para que aconteça experiência. Por se tratar de uma atividade que acontece com crianças dentro de uma escola regular uma disposição inicial se torna importante para que as crianças, assim como os professores, possam estar na mesma sintonia.

A disposição inicial é um momento em que se preparam os participantes para o momento filosófico. Após esse primeiro momento temos a apresentação de um material, que pode ser um texto, uma imagem, um lugar, uma prática. Com a apresentação do texto

iniciamos uma reflexão sobre aquilo que ele nos apresenta. Pensamos a partir daquilo que o texto nos provoca. Com isso dúvidas e questões surgem e são elas que guião o debate, pois ele gira em torno das questões formuladas após a apresentação do texto.

É no debate onde se potencializa as questões filosóficas, é durante esse tempo/ espaço que nós nos colocamos para pensar, para questionar e tentar responder nossas próprias questões, nossas próprias hipóteses.

Ao fim do debate, o que não significa que encontramos uma resposta as nossas questões, mas possíveis respostas ou mesmo mais dúvidas, fazemos, crianças e professores, uma avaliação da experiência. Refletimos sobre o comportamento de cada um, o que cada um achou da experiência e por fim podemos finalizar com uma frase, uma pergunta ou uma palavra para que o que foi ali discutido continue a fazer pensar, mesmo após a experiência.

Resultados e discussão

É durante a apresentação do texto que se iniciam os encontros. São os signos contidos no texto que nos afetam. Encontramos-nos com os signos e a partir desse encontro começamos a questionar. Vamos então buscar a verdade do signo. Mas para que os encontros não passem despercebidos devemos estar atentos a eles.

Mas como sabemos se as crianças estão atentas, é possível afirmar isso? É possível dizer que as crianças estão atentas às coisas, estão atentas aos signos que os textos emitem, para que quando o encontro com o signo acontecer, quando o signo agir e as violentarem, as afetando, possam decidir se vão ou não buscar a verdade do signo? O que podemos afirmar aqui é que os professores trabalham na atenção das crianças, fazendo com que elas coloquem sua atenção voltada para aquilo que está sendo apresentado.

Durante o debate que acontece a busca. Investigam, por meio de questões e enquanto procuram a resposta de suas questões buscam a verdade do signo que as violentaram.

Pois para Deleuze o pensamento não acontece de boa vontade, mas apenas após uma violência que se é possível pensar. Isso é apenas após o encontro com o signo que pensamos. Embora invasor e violento, o caminho da busca da verdade dos signos é um risco que vale a pena correr, pois é justamente nesse caminho que o pensamento se dá. O caminho pode acontecer sem problemas, calmo e tranquilo, mas também pode ser tortuoso e intrigante. Ou seja, estamos à disposição do acaso sem poder prever como será a experiência. Sem saber onde e quando acontecerão os encontros. Mas a cada nova experiência estamos dispostos a correr o risco de sermos invadidos e violentados pelos encontros.

Considerações finais

É durante a vivência dos textos que se iniciam os encontros, ou seja, é durante este momento que a violência se inaugura. É nesse momento em que colocamos as coisas à mesa e justamente por coloca-las à mesa iniciamos um processo de violência e invasão, entrando em contato com os signos das coisas.

A professora dá apenas um ponto de partida, ela é quem determina onde será a largada, é ela quem seleciona o material a ser apresentado e por isso mesmo no planejar da experiência a escolha do material significa a escolha de coisas que acreditamos ser potentes e que valha correr o risco de se entregar ao acaso dos encontros.

E os possíveis caminhos que podem seguir o debate serão definidos no decorrer da própria experiência, no decorrer do debate, enquanto caminhamos. Iniciamos o debate

ainda em um processo de reconhecimento, identificam o que veem o que sentem e o que ouvem e logo os remetem aos seus sentidos e usos habituais. Dizem o que estão vendo/ ouvindo. As crianças reconhecem o que está sendo apresentado a elas. Mas podemos pensar que não estão atentas apenas ao reconhecimento, estão também atentas em como o objeto age sobre elas, ou melhor, dizendo, estão atentas aos possíveis encontros com signos.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** 2.ed. trad. Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2003

KOHAN, Walter Omar. OLARIETA, Beatriz Fabiana (Orgs.). **A Escola Pública Aposta no Pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Marteen. **Em Defesa da Escola: Uma Questão Pública**. Tradução: Cristina Antunes- Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2013

MASSCHELEIN, Jan. **Pongámonos en marcha**. In: Masschelein, Jan; Simons, Marteen. (Eds.) *Mensajes e-ducativos desde tierra de nadie*. Barcelona: Laertes, 2008, p. 21-30.